

A cerâmica grega de época arcaica do território actualmente português

Archaic Greek pottery from Portugal

Ana Margarida Arruda¹

Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Centro de Arqueologia (UNIARQ)

RESUMEN

La cerámica griega del período arcaico es muy rara en el territorio portugués, con solo cinco vasos. Tres de ellos son importaciones corintias, fechadas entre 575 y 550 a. C. Los otros dos son áticos y la primera mitad del siglo V parece ser la cronología más adecuada para estos fragmentos. Estos materiales pueden integrarse en el proceso de suministro de productos griegos a los sitios fenicios y orientalizados de la península ibérica.

SUMMARY

The Greek pottery of the Archaic period is very rare in the Portuguese territory, with only five vases. Three of them are Corinthian imports, dated between 575 and 550 BC. The others two are attic and the first half of the V century seems the more adequate chronology to these fragments. These materials can be integrating in the process of the supply of Greek products to the Phoenician and orientalized sites of the Iberian Peninsula.

PALABRAS CLAVE: Corintio Médio; cerâmica ática; fenícios; península ibérica.

KEY WORDS: Middle Corinthian; Attic pottery; Phoenicians; Iberian Peninsula.

COMO CITAR ESTE ARTÍCULO / CITATION: Arruda, A. M. 2019: "A cerâmica grega de época arcaica do território actualmente português", *Archivo Español de Arqueología* 92, xx-yy. <https://doi.org/10.3989/aespa.092.019.002>

1. INTRODUÇÃO

Até há poucos anos, a cerâmica grega de época arcaica era desconhecida em Portugal. As importa-

ções eram na totalidade áticas e integravam-se no período clássico, mais exactamente entre o final do século V a. n. e. e os meados do seguinte.

Na primeira década do presente século, a situação alterou-se, tendo ficado demonstrado que as cerâmicas gregas atingiram o Sudoeste da península ibérica a partir do segundo quartel do século VI a. n. e., tendo esta presença sido registada quer no Sul (Algarve), quer na fachada ocidental.

Os fragmentos dos vasos arcaicos, recolhidos no Castelo de Castro Marim (Arruda 2005), em Almaraz (Cardoso 2004), em Alcácer do Sal (Arruda 2007) e em talvez em Lisboa (Arruda 1997) merecem um estudo pormenorizado, até porque os de Almaraz foram apenas referidos e desenhados (Cardoso 2004), permanecendo por estudar no que se refere à morfologia, à cronologia e à própria decoração. Por outro lado, torna-se imprescindível uma abordagem que tenha também em consideração uma leitura de conjunto destes materiais, que os contextualize devidamente, não só no que se refere aos âmbitos concretos em que foram encontrados, mas que considere a sua distribuição em termos peninsulares.

2. OS VASOS CORÍNTIOS

2.1. CASTRO MARIM

Um dos três vasos coríntios encontrados no actual território português foi recuperado no Castelo de Castro Marim (Arruda 2005). O sítio, localizado no litoral algarvio, mais concretamente na foz do Guadiana, foi ocupado a partir do Bronze Final, sendo importante referir a importância da sua matriz mediterrânea durante a Idade do Ferro, com claras ligações ao mundo

¹ a.m.arruda@letras.ulisboa.pt / ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7446-1104>

fenício ocidental, como já foi devidamente demonstrado em vários trabalhos (Arruda 1999-2000; Arruda *et alii* 2007; Arruda 2008; Arruda e Freitas 2008; Arruda *et alii* 2013).

O fragmento corresponde à parede de um *olpe* de figuras negras integradas em dois frisos, separados entre si por linhas horizontais negras e vermelhas (Fig. 2). A decoração é moderadamente densa, observando-se rosetas, cujos contornos gerais, bem como os das folhas, foram marcados por finos traços incisivos, que ultrapassam os limites da própria roseta. Outros elementos decorativos, obtidos através da mesma técnica, estão igualmente presentes, tratando-se de simples pontos e de outras formas irregulares, trapezoidais ou semicirculares. No friso superior, é visível a pata de um quadrúpede. A decoração é canónica, sendo frequente neste tipo de vaso, concretamente *Olpai*, mas também em *oinochoi*. Contudo, a atribuição a um pintor torna-se difícil atendendo à escassa dimensão do fragmento. Ainda assim, a sua inclusão no *AOA Group* parece possível, não só pela forma em si, mas também pelos motivos que exhibe e pelos “...details incise thoughtlessly but usually with a assured touch” (Amix e Lawrence 1975: p. 83), inclusão que é aqui efectuada com muitas reservas. O verniz é negro, sendo bicolor (negro e avermelhado) nas linhas que separam os dois frisos, e a pasta é bege e muito bem depurada. Integra-se no Coríntio Médio, podendo ser datada mais especificamente entre 575 e 550 a. n. e.

O fragmento foi recolhido num nível arqueológico que corresponde a um momento de transição entre as fases Fase III e IV definidas para a ocupação antiga do Castelo de Castro Marim, cujos materiais, mas também a cronologia radiométrica, permitiram datar da primeira metade do século VI (Arruda *et alii* 2013). Concretamente no que aos materiais diz respeito, regista-se a presença de ânforas de tipo R1, mais concretamente 10.1.2.1 de Ramon Torres (2005), de pratos e tigelas e taças de cerâmica de engobe vermelho e cinzenta, *pithoi* e “urnas” de tipo Cruz del Negro, pintados em bandas e de fíbulas de tipo Achebuchal (Arruda e Freitas 2008). Estes espólios mostram, por um lado, o intenso entrosamento do sítio com as áreas do Sudoeste peninsular ocupadas por fenícios ocidentais e/ou por populações de ascendência indígena profundamente orientalizadas e, por outro, a adequação da sua cronologia à do fragmento do Coríntio Médio.

2.2. ALMARAZ

Almaraz é um importante sítio arqueológico da Idade do Ferro, localizado na margem esquerda do estuário do Tejo, junto à foz. As relações com o mun-

do fenício ocidental foram acentuadas em diversos trabalhos (Barros *et alii* 1993; Arruda 1999-2000; Barros e Soares 2004; Arruda 2005). As importações mediterrâneas estão documentadas através de materiais arqueológicos diversos, como os escaravinhos egípcios, os vasos de alabastro e a cerâmica grega (Cardoso 2004), esta última referida e desenhada, mas não devidamente estudada.

Os dois fragmentos do Coríntio Médio, uma parede e um fundo, infelizmente de reduzida dimensão, não têm um enquadramento contextual seguro, não estando ainda disponíveis os dados referentes aos materiais que os acompanhavam. Ainda assim, refira-se a extrema abundância no sítio da cerâmica de engobe vermelho (Barros *et alii* 1993), da cinzenta fina polida (Henriques 2006), e das ânforas de fabrico e inspiração mediterrâneas (Olaio 2015).

O primeiro, de pasta bege/amarelado, deve ter pertencido a um *olpe*, ou *oinochóe*. A decoração é composta por rosetas e pontos, de dimensão variável, distribuindo-se por dois frisos, separados por uma linha de espessura reduzida. Deve assinalar-se o diferente tratamento das rosetas, que no registo inferior possui um círculo no centro, e no superior são as incisões sobre uma mancha que as definem, apesar de as extravasarem.

O verniz que preenche os elementos decorativos e a própria linha separadora dos dois frisos é de cor vermelho escuro. A atribuição de um pintor ou grupo de pintores a este pequeno fragmento do Coríntio Médio seria um considerável risco, pelo que me abstenho de fazer qualquer proposta neste sentido.

Um fundo decorado com linguetas radiais que emanam do ónfalo central do fundo externo foi também recuperado no sítio do estuário do Tejo. A pasta é bege/castanho claro e as linguetas estão pintadas de negro. Pertenceu, quase seguramente, a um *aryballos*.

Para ambos os fragmentos, que são de diminuta dimensão e, por isso, mesmo apresentam a decoração muito truncada, não é possível fazer grandes considerações de ordem estilística. Porém parece seguro afirmar que datam da primeira metade do século VI a. n. e., em torno a 575 a. n. e.

2.3. AS CERÂMICAS CORÍNTIAS DO TERRITÓRIO PORTUGUÊS: LEITURA INTEGRADA

Parece importante recordar que os produtos coríntios de época arcaica (AC, MC e LC) são muito raros na península ibérica em geral, e ainda mais em contextos de habitat, como são os casos portugueses. Esta escassez de importações coríntias para a península ibérica foi, já há alguns anos, devidamente valorizada

por P. Rouillard, que designou o fenómeno por “*sau-poudrage*” (Rouillard 1991: 139). Apenas na Catalunha, área de influência de Ampúrias, a sua presença está documentada de forma mais significativa (Graells e Fabregat 2006), podendo considerar-se que o número de exemplares na região está, de algum modo, sobrevalorizado pela sua maior abundância na colónia grega de *Emporion* (Trías 1967-1968; Rouillard 1991; Aquilué *et alii* 2000).

Deve insistir-se ainda no facto de, à excepção do Nordeste, os materiais terem sido recolhidos em sítios de forte matriz orientalizante, como é o caso de Villaricos (Trías 1967-1968: 436, nº6; Shefton 1982, 354, nota 49; Cabrera 1988-1989: 56), de Málaga (Gran Aymerich 1988: 210, 1991: 73 e 76), de Huelva (Fernández Jurado 1984: 38; Cabrera 1988-1989: 50 e 56; Fernández Jurado *et alii* 1991: 75, 79; Rouillard 1977) e de Medellín (Torres 1999; Jiménez e Ortega 2004: 85-86), tudo indicando que chegaram ao Ocidente no quadro do abastecimento de produtos gregos às colónias fenícias da área do Estreito de Gibraltar, o que não se estranha dada a sua relativa abundância nas próprias metrópoles orientais. Trata-se sobretudo de *aryballoi*, mas alguns *olpai* ou *alabastra* têm sido identificados, todos eles vasos destinados a conter perfumes ou óleos perfumados, o que torna a sua utilização maioritariamente funerária compreensível, já que as necrópoles se constituem como o destino privilegiado destes líquidos singulares (Olmos 1985: 14; Torres 1999; Graells e Fabregat 2006).

Os exemplares portugueses não destoam, portanto, em termos contextuais do panorama peninsular, apesar da sua presença se ter documentado em contextos domésticos, o que, sendo raro, não é inédito, como já se havia percebido, por exemplo em Málaga (Gran Aymerich 1988: 210, 1991: 73 e 76) e em Huelva (Fernández Jurado 1984: p. 38; Cabrera 1988-1989: 50 e 56; Fernández Jurado *et alii* 1991: 75, 79; Rouillard 1977; Cabrera e Sánchez 1994: 361), mas também em Ampúrias (Aquilué *et alii* 2000: 308, fig. 21, 4).

3. OS VASOS ÁTICOS

3.1. ALCÁCER DO SAL

A necrópole do Senhor dos Mártires em Alcácer do Sal é um dos mais bem conhecidos sítios da Idade do Ferro em Portugal. Escavada nas décadas de 20, 60 e 80 do século passado, forneceu abundante informação sobre materiais, arquitecturas, ritos e práticas funerárias, tendo sido, recentemente, alvo de um trabalho de síntese onde estes e outros aspectos foram

devidamente discutidos e valorizados (Gomes 2016). Os materiais gregos datam, sobretudo, do século IV a. n. e. (Silva 1875; Correia 1925: 192; Pereira 1962: 1-10; Delgado 1971; Rouillard 1975; Rouillard *et alii* 1988-1989; Gomes 2017). Na primeira década do século XXI, e no contexto da preparação da exposição “Vasos Gregos em Portugal”, foram encontrados, nas reservas do Museu Nacional de Arqueologia, vários fragmentos de uma taça de figuras negras, cuja etiqueta indicava uma proveniência da necrópole do Senhor dos Mártires e uma data compatível com as escavações dos anos 80 do século passado levadas a efeito por António Cavaleiro Paixão. Infelizmente, nada mais se pode adiantar do ponto de vista contextual, uma vez que não é indicada a proveniência exacta, concretamente a sepultura em que foi recolhida.

Trata-se de uma taça de tipo “C” de Bloesch (1940), de faixas, de produção ática, com decoração foral (palmetas e flores de lótus) na área em reserva localizada entre a primeira faixa, sob o bordo, e a segunda, já próxima do fundo. O verniz é negro e está relativamente bem conservado. Os detalhes das palmetas foram marcados por traços incisivos. A pasta é de cor bege claro alaranjado. As suas características formais e decorativas permitem que seja possível integrá-la no que Beazley designou «floral band-cups» (ABV 1978: 197). Estas taças englobam-se na última fase das figuras negras, que se data da primeira metade do século V a. n. e.

Taças idênticas à de Alcácer do Sal estão depositadas, por exemplo, no Museu de Varsóvia (CVA Warsaw, 1, 23, pl. (170) 41), do Louvre (CVA Louvre III He, pl. 9) e da Michigan University (CVA Michigan, University of Michigan, 1, 30, pl. (98) 13.3A-B), sendo, contudo, mais semelhante do ponto de vista decorativo a do Kestner Museum de Hannover (CVA Hannover, Kestner-Museum 1966.54, 1, 41-42, pl. (1660) 28.6).

Atendendo às características específicas das palmetas que decoram a parede externa do vaso de Alcácer do Sal, parece ser possível defender uma data do primeiro quartel do século V a. C.

A taça de faixas de figuras negras com motivos florais da necrópole do Senhor dos Mártires em Alcácer do Sal constitui-se assim como a mais antiga importação grega do sítio do estuário do Sado, sítio que, como já se referiu, ofereceu um conjunto de vasos áticos, decorados com a técnica das figuras vermelhas ou apenas cobertos de verniz negro, datados da primeira metade do século IV a. C. (Pereira 1962; Rouillard *et alii* 1988-1989; Gomes 2017). Um *skyphos* recuperado no Castelo, o povoado correspondente, aponta para uma cronologia dos finais do século V a. n. e. (Silva *et alii* 1980-1981: 185, fig. 17; Arruda 1997: 89).

Este tipo de taça é muito raro no território peninsular, havendo escassas ocorrências na Catalunha (Puig de Sant Andreu, Penya del Moro, Burriac, Ampúrias), sendo inédito em Portugal, o que não surpreende, se tivermos em consideração a diminuição significativa da importação destes produtos a partir dos últimos decénios do século VI a. n. e. Por outro lado, a partir da primeira metade do século V a. n. e., os vasos gregos pintados com figuras negras começam a ser progressivamente substituídos pelos de figuras vermelhas, como se verifica em Ampúrias (Aquilué e Miró 2014: 243). Mas, e como P. Rouillard chamou já a atenção, não há, no Ocidente peninsular, o hiato nas importações gregas observado em Marselha e em todo o Sul da Gália na primeira metade do século V a. n. e. (Rouillard 1991: 117), pelo menos na colónia grega da Catalunha e na sua área de influência directa, onde a cerâmica ática de figuras negras está ainda presente com certa expressão, como se verifica por exemplo em Ullastret (Picazo 1977). O mesmo sucede, aliás, em outros sítios catalães e do País valenciano e região alicantina, elencados no trabalho de síntese de Adolfo Domínguez Monedero e Carmen Sánchez (2001), de que podemos destacar Ullastret (Picazo 1977), Mataró, Lliria (Trías 1967-1968), Puig de Benicarló (Sanmartí 1976), Alcudia (Rouillard 1978), Cabezo Lucero (Aranegui *et alii* 1993; Domínguez e Sánchez 2001: 40-43), El Oral (Sala 1996; Domínguez e Sánchez 2001: 46) e Illeta dels Banyets (García Martín 2003), entre outros. Mas, ainda assim, a cerâmica grega da primeira metade do século V a. n. e. é escassa, sobretudo se comparada com a que se pode datar a partir de 450 a. n. e., momento em que o ritmo das importações entra em ritmo ascendente, passando de 3,6% na primeira metade do século V a. n. e. para 18,5% na segunda (Rouillard 1991: 117). Estas presenças na costa oriental, e, muito especialmente, no Sudeste, não têm paralelo nem na Andaluzia nem na Extremadura espanhola, onde os produtos gregos desta cronologia estão ausentes.

3.2. LISBOA

O bordo e parte da parede de uma taça que, no final do século passado, se integraram no grupo das *vicup* (Arruda 1997: 86) foram recuperados na Rua dos Correeiros em Lisboa, sítio cuja matriz oriental está documentada por abundantes materiais e por alguma epigrafia (Arruda 1999-2000; Arruda *et alii* 2000; Pimenta *et alii* 2005; Calado, Pimenta *et alii* 2013; Calado, Almeida *et alii* 2013; Fernandes *et alii* 2013; Arruda 2013; Sousa 2013; Zamora 2014a e 2014b;

Sousa 2014; Pimenta *et alii* 2014; Filipe *et alii* 2014; Pimenta *et alii* 2015; Neto *et alii* 2016). Apesar de, em anos recentes, esta classificação ter sido revista (Sousa 2014: 110), mantemos aqui a que se atribuiu nos finais do século passado, ainda que com algumas reservas, uma vez que nem todas características definidoras da forma estão presentes, globalmente, no fragmento de Lisboa. Mas a espessura e a curvatura da parede, e, assim, o perfil geral do corpo, indicam, julgo eu, que se trata de uma *stemmed cup*, concretamente uma *vicup*, e não de uma *stemeless cup* do grupo das Cástulo (*inset lip*), como se defendeu em 2014 (Sousa 2014: 110). Lembre-se que as *vicups* terão tido uma existência curta no tempo, confinando-se em termos cronológicos, a avaliar pelos dados da Ágora de Atenas (Sparkes e Tacolt 1970: 93), ao segundo quartel do século V a. n. e. Será assim contemporânea da taça de bandas de Alcácer do Sal.

Apesar de este ser o único exemplar recolhido, até ao momento, no Extremo Ocidente, as *vicups* não são desconhecidas no território peninsular, sobretudo no NE, tendo a sua dispersão sido listada por A. Dominguez e C. Sánchez (2001: 87). Tal como já se referiu, as produções gregas da primeira metade do século V a. n. e., quer de figuras negras quer vermelhas, mas também de verniz, não abundam na península ibérica, limitando-se, quase exclusivamente, ao Sudeste e à Catalunha, o que parece decorrer da importância que Ampúrias adquire com o enfraquecimento de Massália.

Julgo também ainda importante destacar que a cerâmica ática é relativamente rara em Lisboa mesmo na fase clássica (2ª metade do século IV e primeira do seguinte), onde, apesar de tudo, está presente, com formas pouco habituais em contextos domésticos **não gregos** (*lekanides*, *askos*, *krateres* de colunas, *krateres* de sino, *pelikai*) e outras mais comuns, como *kilikies* (*inset lip* e *plain lip*) e *bolsais* (Arruda e Sousa 2018).

Não é fácil interpretar estas importações áticas da 1ª metade do século V a. n. e. do litoral ocidental peninsular, até porque não parecem enquadrar-se no âmbito de um qualquer contexto de abastecimento de vasos gregos ao Ocidente nesta fase. Recorde-se a inexistência destes produtos na própria Andaluzia e no Algarve, parecendo tratar-se de casos isolados e mesmo extemporâneos, que, contudo, demonstram que o contacto com a costa levantina existiu, ainda que de forma muito ocasional.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cerâmica grega de época arcaica é, no território português, muito escassa, resumindo-se a cinco frag-

mentos. A situação periférica pode justificar a situação, apesar de, pelo menos no Algarve, concretamente em Castro Marim e em Tavira, esta escassez não deixe de ser algo surpreendente, pela proximidade de Huelva, pródiga em achados dos séculos VIII a VI a. n. e.. Porém, esta “cidade”, no entender de Adolfo Domínguez Monedero, “...no parece haber funcionado durante el siglo VI como un gran centro redistribuidor de ese producto, a pesar del importante porcentaje de cerámica griega hallado allí” (Dominguez 2001-2002: 192).

Ainda assim, a situação não difere significativamente do que se verifica nos sítios mais conectados com a colonização fenícia da área do Estreito, onde o número de importações gregas não é também particularmente significativo, com excepção de Málaga. Tudo indica, portanto, que estas presenças podem justificar-se no quadro de um abastecimento efectuado directamente através de comerciantes fenícios e não no âmbito do comércio grego.

Os materiais do início do século VI a. n. e. são todos coríntios, o que está de acordo com a realidade da restante área meridional da península ibérica de âmbito orientalizante, tratando-se de vasos destinados a conter perfumes ou óleos aromatizados. O facto de terem sido encontrados em contextos domésticos e não funerários, como é muito mais frequente, permite admitir o seu uso quotidiano e, portanto, considerar-se como mais um elemento na assumpção de uma relativa orientalização dos grupos humanos do Extremo Ocidente que ultrapassava os aspectos meramente tecnológicos.

Pelo contrário, os vasos áticos de Alcácer do Sal e de Lisboa são de mesa e destinam-se ao consumo do vinho, apesar de o primeiro ter sido recolhido na necrópole, situação que se repete, aliás, durante o século IV a. n. e., com os *krateres*, as *pelikai*, os *skyphoi* e as *kilikies*, pintados com figuras vermelhas ou cobertos de verniz negro, mas também os pratos, de peixe e Jehasse 116, (Pereira 1962; Rouillard *et alii* 1988-1989; Gomes 2017).

Como já atrás se referiu, a presença de estas peças no litoral ocidental peninsular, datadas da primeira metade do século V a. n. e., não pode integrar-se no quadro de um qualquer movimento mais amplo, até porque o papel de Ampúrias como centro re-distribuidor de cerâmicas gregas na península ibérica é ainda reduzida fora do seu raio de acção mais imediato, Catalunha e País Valenciano, com extensão para Múrcia, Albacete e Aragão, papel que só atinge, plenamente, no final da referida centúria (García Martín 2003: 98). Estas ocorrências devem, porém, valorizar-se pelo seu significado intrínseco, mas também porque revelam umas conexões que merecem, num futuro próxi-

mo, ser avaliadas no contexto de uma fase em geral muito mal caracterizada do ponto de vista arqueológico, a primeira metade do século V a. n. e.

ABREVIATURAS

ABV = Beazley, J. D. 1956: *Atthenian Black-Figure Vase-Painters*, Oxford.

CVA = *Corpus Vasorum Antiquorum*.

BIBLIOGRAFIA

- Amix, D. A. e Lawrence, P. 1975: *Archaic Corinthian pottery and the anaploga well. Corinth, VII, II*, Princeton/New Jersey.
- Aquilué, X., Castanyer, P., Santos, M. e Tremoleda, J. 2000: “Les ceràmiques arcaiques de la Palaia Polilis d’Empòrion”, *Monografies Emporitanes* 11, 285-346.
- Aquilué, X. e Miró, M. T. 2014: “Reflexiones sobre los talleres de cerámica ática identificados en la ciudad griega de Emporion (Empúries)”, P. Badenas, P. Cabrera, M. Moreno, A. Ruiz, C. Sánchez e T. Tortosa (Eds.), *Homenaje a Ricardo Olmos. Per speculum in aenigmate. Miradas sobre la Antigüedad*, Madrid, 242-247.
- Aranegui, C., Jodin, A., Llobregat, E., Rouillard, P. e Uroz, J. 1993: *La necrópole ibérique de Cabezo Lucero (Guardamar del Segura, Alicante)*, Madrid-Alicante.
- Arruda, A. M. 1997: *A cerâmica ática do Castelo de Castro Marim*, Lisboa.
- Arruda, A. M. 1999-2000: *Los fenicios en Portugal: Fenicios y mundo indígena en el Centro y sur de Portugal*, Barcelona.
- Arruda, A. M. 2005: “O 1º milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século”, *O Arqueólogo Português* 4 (23), 9-156.
- Arruda, A. M. 2007: “Cerâmicas gregas encontradas em Portugal”, *Vasos Gregos em Portugal - Aquém das Colunas de Hércules*, Lisboa, 135-140.
- Arruda, A. M. 2008: “O Baixo Guadiana durante os séculos VI e V a. n. e.”, J. Jiménez Ávila (ed.), *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época postorientalizante*, Anejos Archivo Español de Arqueología XLVII, Madrid, 307-325.
- Arruda, A. M. 2013: “Do que falamos quando falamos de Tartessos?”, J. Alvar e J. Campos (eds.), *Tartesso. El emporio del metal*, Huelva, 211-222.
- Arruda, A. M. e Freitas, V. 2008: “O Castelo de Castro Marim durante os séculos VI e V a.n.e.”, J.

- Jiménez Ávila (Ed.) *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época postorientalizante*, Anejos Archivo Español de Arqueología, XLVII, Madrid, 429-446.
- Arruda, A. M., Freitas, V. e Oliveira, C. F. 2007: “Os Fenícios e a urbanização no Extremo Ocidente: o caso de Castro Marim”, J. L. López Castro (ed.), *Las ciudades fenicio-púnicas en el Mediterráneo Occidental*, Almería, 459-482.
- Arruda, A. M., Freitas, V. T. e Vallejo, J. 2000: “As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa”, *Revista Portuguesa de Arqueologia* 3 (2), 25-59.
- Arruda, A. M., Soares, A. M., Freitas, V. T., Oliveira, C. F., Martins, J. M. e Portela, P. 2013: “A cronologia relativa e absoluta da ocupação sidérica do Castelo de Castro Marim”, *Saguntum* 45, 101-114.
- Arruda, A. M. e Sousa, E. 2018: “Greek pottery from the Tagus Estuary”, *There and back again: Greek art in motion (Conference in Honor of sir John Boardman in the occasion of his 90th birthday)*, Oxford, 187-195.
- Barros, L., Cardoso, J. L. e Sabrosa, A. 1993: “Fenícios na margem Sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado de Almaraz – Almada”, *Estudos Orientais* 4, 143-173.
- Barros, L. e Soares, A. M. M. 2004: “Cronologia absoluta para a ocupação orientalizante da Quinta do Almaraz, no estuário do Tejo (Almada, Portugal)”, *O Arqueólogo Português* IV (22), 333-352.
- Bloesch, H. 1940: *Formen attischer Schalen*, Berna
- Cabrera, P. 1988-1989: “El comercio foceo en Huelva: cronología y fisionomía”, *Huelva Arqueológica* X-XI (3), 43-100.
- Cabrera, P. e Sánchez, C. 1994: “Importaciones griegas en el sur de la Meseta”, P. Cabrera, R. Olmos e E. Sanmartí (coords.), *Iberos y griegos: lecturas desde la diversidad*, *Huelva Arqueológica* XIII (1), 355-376.
- Calado, M., Almeida, L., Leitão, V. e Leitão, M. 2013: “Cronologias absolutas para a I Idade do Ferro em Olisipo – O exemplo de uma ocupação em ambiente cársico na actual Rua da Judiaria em Alfama”, *Cira* 2, 118-132.
- Calado, M., Pimenta, J., Fernandes, L. e Filipe, V. 2013: “Conjuntos cerâmicos da Idade do ferro do teatro romano de Lisboa: as cerâmicas de engobe vermelho”, *Arqueologia em Portugal: 150 anos*, Lisboa, 141-149.
- Cardoso, J. L. 2004: *A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos romanos: um ensaio de história regional*, Oeiras.
- Correia, V. 1925: “Uma conferência sobre a Necrópole de Alcácer do Sal”, *Obras, Volume IV, Estudos Arqueológicos*, Coimbra, 151-168.
- Delgado, M. 1971: “Cerâmica Campaniense em Portugal”, *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra, 403-424.
- Domínguez Monedero, A. 2001-2002: “Cerâmica griega en la ciudad ibérica”, *Studia E. Cuadrado, Anales de Prehistoria y Arqueología* 16-17, 189-204.
- Domínguez Monedero, A. e Sánchez, C. 2001: *Greek Pottery from the Iberian Peninsula: Archaic and Classical Period*, Leiden/Boston.
- Fernandes, L., Pimenta, J., Calado, M. e Filipe, V. 2013: “Ocupação sidérica na área envolvente do teatro romano de Lisboa: o Pátio do Aljube”, *Revista Portuguesa de Arqueologia* 16, 167-185.
- Fernández Jurado, J. 1984: “Fenicios y Griegos en Huelva”, *Homenaje a Luis Siret (1934-1984)*, Sevilla, 562-574.
- Fernández Jurado, J., Rufete Tomico, P. e García Sanz, C. 1991: “Cerâmicas griegas del solar nº 5 de la C/ Méndez Núñez de Huelva”, *Huelva Arqueológica* 13 (1), 67-96.
- Filipe, V., Calado, M. e Leitão, M. 2014: “Evidências orientalizantes na área urbana de Lisboa: o caso dos edifícios na envolvente da Mãe de Água do Chafariz d’El Rei”, A. M. Arruda (Ed.), *Fenícios e Púnicos, por Terra e Mar, 2, Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*, Lisboa, 2, 736-746.
- García Martín, J. M. 2003: *La distribución de cerámica griega en la Contestania ibérica: el puerto comercial de La Illata dels Banyet*, Alicante.
- Gomes, F. 2017: “Un conjunto de cerâmicas áticas inéditas de la necrópolis de Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do sal, Portugal)”, *Onoba* 5, 4-48.
- Gomes, F. B. 2016: *Contactos culturais e discursos identitários na I Idade do Ferro do Sul de Portugal (séculos VIII-V a.n.e.): leituras a partir do registo funerário*, Lisboa.
- Graells, I. e Fabregat, R. 2006: “El aryballos corintio de la necrópolis de Milmanda (Vimbodí, Tarragona) y su cronología”, *Archivo Español de Arqueología* 79, 207-216. <https://doi.org/10.3989/aespa.2006.v79.10>
- Gran Aymerich, J. 1988: “Cerâmicas griegas y etruscas de Málaga. Excavaciones de 1980 a 1986”, *Archivo Español de Arqueología* 61, 201-221.
- Gran Aymerich, J. 1991: *Málaga phenicienne et punique*, Paris.
- Henriques, S., 2006: *A cerâmica cinzenta da Idade do Ferro da Quinta do Almaraz (Cacilhas, Almada)*, Lisboa.
- Jiménez, J. e Ortega, J. 2004: *La cerámica griega en Extremadura*, Cuadernos Emeritenses 28, Mérida.

- Neto, N., Rebelo, P., Ribeiro, R., Rocha, M. e Zamora López, J. A. 2016: “Uma inscrição lapidar fenícia em Lisboa”, *Revista Portuguesa de Arqueologia* 19, 123-128.
- Olaio, A. C. S. 2015: *Ânforas da Idade do Ferro na Quinta do Almaraz (Almada)*, Lisboa.
- Olmos, R. 1985: “Nuevos enfoques para el estudio de la cerámica y de los bronceos griegos de España: una primera aproximación al problema de la helenización”, M. Picazo i E. Sanmartí (orgs.), *Cerámiques gregues i helenístiques a la Península Ibèrica*, Barcelona, 7-17.
- Pereira, M. H. R. 1962: *Greek Vases in Portugal*, Coimbra.
- Picazo, M. 1977: *Las cerámicas áticas de Ullastret*, Barcelona.
- Pimenta, J., Calado, M. y Leitão, M. 2005: “Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem no 2 da Rua de São João da Praça”, *Revista Portuguesa de Arqueologia* 8 (2), 313-334.
- Pimenta, J., Silva, R. e Calado, M. 2014: “Sobre a ocupação pré-romana de Olisipo: a Intervenção Arqueológica Urbana da Rua de São Mamede ao Caldas 15”, A. M. Arruda (ed.), *Fenícios e Púnicos, por Terra e Mar*, Lisboa, 2: 724-735.
- Pimenta, J., Sousa, E., Amaro C. 2015: “Sobre as mais antigas ocupações da Casa dos Bicos, Lisboa: da Olisipo pré-romana aos primeiros contactos com o mundo itálico”, *Revista Portuguesa de Arqueologia* 18, 161-180.
- Rouillard, P. 1975: “Un cratère inédit du Peintre du Thyse Noire à Alcácer do Sal”, *Conímbriga* XIV, 177-183.
- Rouillard, P. 1977: “Fragmentos griegos de estilo geométrico y corintio medio en Huelva”, *Huelva Arqueológica* III, 397-401.
- Rouillard, P. 1978: “Les céramiques peintes de la Grèce de l’Est et leurs imitations dans la Péninsule Ibérique”, *La céramique de la Grèce de l’Est et leur diffusion en Occident*, 276-285. Nápoles.
- Rouillard, P. 1991: *Les Grecs et la Péninsule Ibérique du VIIIe au IVe siècle avant Jésus Chris*, Paris.
- Rouillard, P., Paixão, A. C., Villanueva-Puig, M.-C. e Durand, J.-L. 1988-1989: “Les vases grecs d’Alcácer do Sal”, *O Arqueólogo Português* 4, 6-7, 43-108.
- Sala, F. 1996: “Algunas reflexiones sobre la fase antigua de la Contestania Ibérica: de la tradición orientalizante al período clásico”, *Anales de Arqueología Cordobesa* 7, 9-31. <https://doi.org/10.21071/aac.v0i.11332>
- Sanmartí Grego, E., 1976: “Cerámicas de importación ática de El Puig (Benicarló, Castellón)”, *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonenses* 3, 219-228.
- Shefton, B. 1982: “Greeks and Greek Imports in the South of the Iberian Peninsula. The archaeological evidence”, H. G. Niemeyer (dir.), *Phönizier im Westen*: 337-370, Madrid.
- Silva, C. T., Soares, J., Beirão, C. M., Dias, L. F. e Coelho-Soares, A. 1980-1981: “Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979)”, *Setúbal Arqueológica* 6-7, 149-218.
- Silva, J. P. N. da 1875: “Una necrópolis romana en Portugal”, *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses* 6, 91.
- Sousa, E. 2013: “A ocupação da foz do Estuário do Tejo em meados do 1º milénio a.C.”, *Cira* 2, 103-117.
- Sousa, E. 2014: *A ocupação pré-romana da foz do estuário do Tejo*, Lisboa.
- Sparkes, B. A. e Talcott, L. 1970: *Black and plain pottery of the 6th, 5th and 4th centuries B.C.* The Athenian Agora XII, Princeton, New Jersey.
- Torres, M. 1999: *Sociedad y mundo funerario en Tartessos*, Madrid.
- Trias de Arribas, G. 1967-1969: *Cerámicas griegas de la Península Ibérica*, Valencia.
- Zamora, J. A. 2014a: “Novedades de epigrafía fenicio-púnica en la Península Ibérica y sus aledaños”, *Palaeohispanica* 13, 359-384.
- Zamora, J. A. 2014b: “Palabras fluidas en el extremo Occidente: Sobre un nuevo grafito fenicio, hallado en la desembocadura del Tajo”, P. Badenas, P. Cabrera, M. Moreno, A. Ruiz, C. Sánchez e T. Tortosa (Eds.), *Homenaje a Ricardo Olmos. Per speculum in aenigmate. Miradas sobre la Antigüedad*, Madrid, 306-314.

Recibido: 02-11-2017
 Aceptado: 05-04-2018

